

 10.46943/VII.CONAPESC.2022.01.083

A PERCEPÇÃO DOS DISCENTES DO PROJETO HORÁRIO INTEGRAL SOBRE O BAIRRO DE VILA NOVA EM NOVA IGUAÇU, RJ: UMA ANÁLISE DOS MAPAS MENTAIS

ALEX FERREIRA AGUSTINHO

Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Geografia PPGeo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ alexagustinho22@gmail.com.

RESUMO

O presente texto tem por objetivo trabalhar com o conceito de bairro, através da elaboração de mapas mentais a partir da percepção dos discentes do Projeto Horário Integral sobre o bairro de Vila Nova em Nova Iguaçu, que faz parte da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Nessa perspectiva, o artigo busca resgatar a temática dos mapas mentais que é muito rica para os estudos relacionados à geografia e também ao letramento cartográfico. O referencial teórico deste artigo dialoga com autores das áreas de educação e principalmente da geografia e ciências humanas em geral. O texto é uma homenagem à Professora Lívia de Oliveira, com suas grandiosas contribuições a respeito do conceito de percepção, além disso, as pesquisas e os estudos feitos por Lana Cavalcante sobre mapas mentais apresentam-se bastante pertinentes. A metodologia adotada utilizou de revisão bibliográfica, atividade de campo – composta pelo trajeto entre a residência e a escola –, material fotográfico, entrevista com funcionários e alunos da Escola Municipal Capistrano de Abreu, situada no bairro de Vila Nova, em Nova Iguaçu. Leitura de textos infantis em sala de aula com os integrantes do horário integral sobre o conceito de bairro e de escola. Sendo eles “O Bairro de Marcelo” (Rocha, 2012) o livro “Meu Bairro” (Victorino, 1993), e o livro “Meu Bairro, pessoas e lugares” (Bullard, 2012). Por fim, os mapas mentais elaborados pelos alunos do referido programa, se mostraram como uma ferramenta pedagógica importante para o ensino de geografia, na qual é possível utilizar os elementos cartográficos essenciais para o aprendizado dos discentes. Desse modo, através

da percepção, o aluno poderá compreender melhor as funções dos objetos presentes no bairro, auxiliando, assim, na construção e na transformação da realidade socioambiental desse espaço de vivência.

Palavras-chave: Mapas Mentais, Bairro, Percepção, Projeto Horário Integral, Nova Iguaçu.

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de uma pesquisa realizada em 2019, momento antes da pandemia da Covid-19, na qual, o autor busca trabalhar com o conceito de bairro através da percepção dos alunos integrantes do Projeto Horário Integral, por meio da elaboração de mapas mentais. Segundo Oliveira (2017), a psicologia da percepção tradicionalmente procura explicar os mecanismos perceptivos por meio da experiência e da maturação. A experiência desempenha um papel importante no desenvolvimento da percepção, pois o contato direto ou indireto com o objeto permite ao sujeito construir seu espaço perceptivo. Sendo assim, por meio da análise dos mapas mentais, o autor busca identificar os principais fixos percebidos pelos discentes e que constituem um bairro.

Segundo Soares (1990), a noção de bairro é de origem popular, tirada da linguagem corrente. Para o habitante de uma cidade, o bairro constitui, no seu interior, um conjunto que tem originalidade própria.

A motivação para trabalhar com essa temática sobre os mapas mentais a partir da percepção dos alunos foi influenciada pelas dicas e orientações da professora Lívia de Oliveira, docente da UNESP. Antes do seu falecimento em 2020, tive a oportunidade de ser agraciado com o seu livro autografado *Percepção do Meio Ambiente e Geografia, Estudos Humanistas do Espaço, da Paisagem e do Lugar*. Essa referida obra é fundamental para trabalhar com o conceito de percepção, sendo esse, um conceito-chave para esta pesquisa.

Segundo Archela *et. al.* (2004), mapas mentais são imagens espaciais que as pessoas possuem dos lugares e dos objetos conhecidos, de forma direta ou indireta, ou seja, as representações espaciais mentais podem ser do espaço vivido, no seu cotidiano e os principais fixos podem estar relacionados ao presente ou ao passado. Sendo assim, por meio da análise dos mapas mentais elaborados pelos discentes, podemos observar a sua compreensão e percepção sobre o espaço de vivência, que neste estudo compreende ao recorte territorial formado pelo bairro de Vila Nova.

Utilizando como referência a autora Maria Therezinha de Segadas Soares (*in* SOUZA, 1989, p. 139-172), uma cidade é um conjunto de bairros dos quais cada um tem sua fisionomia, resultante de sua função, de seus habitantes, de sua idade. Todos esses bairros, mais ou menos integrados entre si, formam a cidade. Um bairro urbano tem uma feição que só a ele pertence, uma vida particular, uma alma. Nessa perspectiva, a percepção dos alunos com relação ao seu ambiente de vivência será fundamental para a elaboração dos mapas mentais,

cuja conexão intermediada pelo sentimento de pertencimento auxiliará na hora de transcrever para o papel os principais fixos pertencentes ao bairro.

A metodologia adotada utilizou de revisão bibliográfica, atividade de campo – composta pelo trajeto entre a residência e a escola – material fotográfico, entrevista com funcionários e alunos da Escola Municipal Capistrano de Abreu, situada no bairro de Vila Nova, em Nova Iguaçu. Leitura de textos infantis em sala de aula com os integrantes do horário integral sobre o conceito de bairro e de escola. Sendo eles “O Bairro de Marcelo” (Rocha, 2012) o livro “Meu Bairro” (Victorino, 1993), e o livro “Meu Bairro, pessoas e lugares” (Bullard, 2012).

O trabalho foi operacionalizado e dividido em seis (6) etapas, sendo a primeira constituída por roda de leitura com os alunos do horário integral com o tema bairro e escola. Na segunda foi trabalhada a percepção e a representação gráfica do espaço vivido; a terceira fase foi realizada por meio da entrevista concedida pela direção da escola, fornecendo dados do próprio programa Horário Integral, cuja escola estava inscrita. A quarta etapa da pesquisa faz parte da atividade na qual os alunos analisam o percurso entre a residência e a escola. Na quinta parte, os alunos observaram o espaço percorrido, entre a escola e suas casas, criando o Mapa Mental. Por último, foram analisados os Mapas Mentais criados pelos integrantes do Programa.

O objetivo geral deste artigo possui como finalidade principal analisar os mapas mentais elaborados pelos alunos pertencentes ao Projeto Horário Integral de Nova Iguaçu, matriculados no Ensino Fundamental, compreendendo os seguintes anos de escolaridade: 3º, 4º e 5º ano. Como objetivos específicos o autor busca analisar e identificar os principais fixos expressos graficamente pelos alunos a partir dos mapas mentais, e, também, comparar o nível de percepção geográfica dos referidos discentes por cada série.

Portanto, o presente texto busca analisar os mapas mentais elaborados pelos alunos. A prática pedagógica que foi aplicada no mês de abril de 2019, com os discentes do projeto, resultou em 55 mapas mentais, sendo assim, a pesquisa possibilitou identificar o nível de percepção dos participantes em relação aos seus conhecimentos geográficos, analisando os principais objetos percebidos no bairro em tela, no qual são destacados aqueles de maior relevância e encontrados no espaço de vivência desses alunos.

METODOLOGIA

PRIMEIRA ETAPA: RODA DE LEITURA COM OS ALUNOS SOBRE O TEMA BAIRRO E ESCOLA

A etapa consiste em reunir os alunos, para realizar leitura sobre a temática de bairro, utilizando algumas obras da literatura infantil que trabalham com o conceito proposto, mas de forma simples, divertida e criativa. Durante esse momento, foram apresentadas algumas imagens para despertar interesse e curiosidade nos alunos. O objetivo nessa etapa é entusiasmar os discentes, auxiliando na identificação de alguns símbolos que estão presentes, e que podem ser encontrados em seu bairro. O mais importante é que eles consigam adquirir novos conhecimentos e aprendam novos conceitos geográficos, para, principalmente, entender e compreender como se dá o local em que moram, ou seja, o espaço vivido.

Nesta primeira fase foram utilizados os seguintes livros que trabalham com o conceito de bairros: “O Bairro de Marcelo”, de Ruth Rocha, da Editora Salamanka, que apresenta observações e descrições do lugar através de ilustrações e referenciais espaciais. O segundo, “Meu Bairro” de Célia J. A. Victorino, da Editora Vozes aponta como é a vida em diferentes bairros. Sabemos que muitos alunos da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, em alguns casos, residem em um bairro, mas estudam em outro, devido à disponibilidade de vagas ou até mesmo por motivos de mobilidade de mudança residencial. Por último, o “Meu Bairro Pessoas e Lugares”, de Lisa Bullard, que conta a história de Lili que vai conhecer seu novo vizinho. Ela quer muito que ele conheça seu bairro e juntos eles passeiam e descobrem muitos objetos interessantes (Fixos). As ilustrações podem ser observadas a seguir, respectivamente conforme mencionado no texto.

As figuras 1, 2 e 3 ilustram as capas dos livros infantis que abordam a temática bairro. As rodas de leituras foram realizadas no início do mês de abril de 2019, com duração de uma semana aproximadamente, com alunos do terceiro ano ao quinto do Ensino Fundamental que estavam inscritos no projeto.

Figuras 1, 2 e 3: O Bairro de Marcelo, Meu Bairro e Meu Bairro, Pessoas e Lugares.



Fonte: Ruth Rocha, 2012.

Fonte: Célia L. A. Victorino,

Fonte: Lisa Bullard, 2012.

Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Bairro-do-Marcelo-Ruth-Rocha/> Acesso em 09 de jan. 2022.

Disponível em: <https://www.tracaca.com.br/livro/170138/meu-bairro> Acesso em 09 de jan. 2022.

Disponível em: <https://www.travessa.com.br/meu-bairro-pessoas-e-lugares/artigo/7b4f14b6-98c2-40ef-96d1-d4e3270e8873>. Acesso em

SEGUNDA ETAPA: TRABALHANDO A PERCEPÇÃO E A REPRESENTAÇÃO DA PAISAGEM VIVIDA

Esta etapa teve como objetivo trabalhar a compreensão e percepção ambiental que os alunos apresentam sobre paisagem vivida e percebida.

Segundo Oliveira (2017) a partir de 1970 e 1980, como fruto dos movimentos renovadores da ciência geográfica, a noção de paisagem se “desdobra” em multissentidos, torna-se um conceito polissêmico. O olhar geográfico se aprofundou, tornando-se “mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma consequência, um momento vivido, uma ligação interna, uma impressão que une todos os elementos”, ou seja, o observador foi colocado dentro da paisagem, integrando-se a ela.

Nesta fase, foi solicitado aos alunos que registrassem a paisagem ao redor da escola, considerando o que eles entendem como feio ou bonito, o que eles mais gostam de fazer, e depois se reunir em sala de aula para comentar e debater em grupo sobre o que foi observado. Quase todos observaram os pontos que mais se destacam, como a poluição do Rio da Prata que passa próximo a escola;

foi percebido também o descaso com as praças que se encontram depredadas, pichadas e em mau estado de conservação; os problemas estruturais também foram notados e as crianças apresentaram o desejo de que os pontos observados fossem sanados.

Tuan (1980) aponta que a percepção está ligada à afetividade, como as pessoas possuem ligação com o ambiente, ou seja, para ele, o indivíduo cria laços afetivos com alguns determinados locais. Nesta mesma obra, Tuan apresenta outros conceitos importantes para a compreensão do ambiente, tais como: topofilia, topofobia e lugares valorizados.

Os alunos têm contato com espaços por meio do sensorial; os diversos sentidos as levam a perceber a paisagem de seu entorno, ou mesmo de espacialidades experimentadas pelos meios de comunicação. Essa percepção pode ser estimulada ao se orientar descrições de lugares vividos, mesmo antes da aquisição da habilidade de leitura e escrita; as descrições estimuladas se associam à habilidade de observação e juntas dão base para, com a mediação pedagógica, se fazerem pequenas reflexões e questionamentos sobre o que se observa/descreve. (CAVALCANTI, 2010, P.8)

Conforme foi mencionado acima, os alunos relataram sobre os problemas encontrados na paisagem do espaço externo e interno da referida escola, a quadra foi apontada por quase todos, e cada um percebeu um ponto negativo diferente, como, a grande quantidade de lixo, mato, garrafas quebradas, grade malconservada. No entanto, todos reconhecem a importância da quadra como um espaço diferenciado, ou seja, eles sabem que outras escolas não oferecem um espaço semelhante para os seus alunos. Outros problemas também foram comentados, como os banheiros, refeitório e os bebedouros.

Alguns locais do bairro, como o Rio da Prata, os alunos consideraram como “estranhos”, ou seja, uma paisagem feia e essa percepção ocorre devido ao alto grau de poluição presente e degradação ambiental, que também ocorre em vários outros locais da cidade. Tuan (1980) define topofobia como “paisagem do medo”, muitos locais ou objetos presentes na paisagem são valorizados de forma negativa, provocando sentimentos de aversão nas pessoas que vivem próximas a esses ambientes. Topofobia está associada ao feio, algo que seja desagradável, denotando uma aversão do indivíduo àquela paisagem, muitas vezes provocando um sentimento de medo.

TERCEIRA ETAPA: ENTREVISTA SOBRE O BAIRRO, A ESCOLA E O PROJETO HORÁRIO INTEGRAL.

Segundo a Diretora adjunta Luciana Neves em entrevista concedida no mês de maio de 2019, o Projeto Horário Integral é muito importante para as crianças da escola, assim como, suas atividades influenciam também na dinâmica do bairro. Desde seu início em 2007, o bairro se transformou em uma grande escola, os conteúdos eram elaborados e ministrados de forma extracurriculares e muitas fases ocorriam além dos muros do referido fixo.

No período em que a prefeitura realizava maiores investimentos no programa, por volta de 2010, muitos alunos tiveram a oportunidade de participar de aulas sobre a atenção no trânsito e seus perigos, com a ajuda de guardas e fiscais de trânsito, os professores saíam com os discentes para conhecer melhor o bairro, com objetivo de ensinar para as crianças sobre a importância de atravessar a rua somente onde tiver faixa de pedestre e também sobre a atenção que é preciso ter na hora de se deslocar.

As praças eram utilizadas para realizar atividade esportiva extraclasse e também para outras práticas, como aulas de lutas, de judô, de capoeira, hip hop, sendo assim, essas formas diferenciadas e didáticas de ensinar aproveitavam melhor os espaços públicos do bairro.

Após conversar com a diretora, continuando com o debate em sala de aula, e solicitei aos alunos que cada um “*Citasse a primeira coisa que vem à cabeça em relação ao bairro*”. Vários comentaram sobre a praça que fica ao lado da escola. A praça tem um destaque importante para eles. Além disso, alguns comentaram sobre a grande quantidade de árvores que estão presentes no espaço interno da escola, assim como, as que estão à margem do Rio da Prata. Tais percepções denotam a relação dos discentes com o ambiente próximo a eles.

Os alunos do quinto ano do Ensino Fundamental, por possuir maior idade e capacidade de percepção, falaram sobre o descaso e a degradação dos espaços públicos, o mau estado de conservação das ruas, das áreas ao redor da escola, pontos e ruas que alagam, da quadra de futebol com sua grama sintética completamente destruída.

Logo em seguida, pedi que eles falassem um pouco mais sobre a escola. “*Cite os principais objetos observados na escola*”, segundo a percepção dos discentes, praticamente todos responderam que a escola possui grandes pátios, muito espaço externo, “locais onde podemos brincar e realizar atividade extraclasse, principalmente com o Professor Luiz, da turma do quinto ano do Ensino

Fundamental, a 501 e a 502”. Lembraram também da quadra que, mesmo precisando de reformas, eles podem desfrutar dessa opção para recreação. Mencionaram os brinquedos fornecidos pela Secretaria de Educação de Nova Iguaçu, como o jogo de dama, de totó, as cordas, uma grande quantidade de bolas de futebol e de basquete. Assim que terminamos de falar sobre os pontos positivos da escola, fiz a seguinte pergunta: “*A escola precisa de cuidados e reformas?*”

Eles perceberam os problemas, e citaram alguns, como: os banheiros, o bebedouro e, a cozinha. Falaram do telhado da escola, que em períodos de chuvas, registram algumas goteiras, principalmente no refeitório. A quadra esportiva, mencionada anteriormente, foi alvo de críticas, porque é o local para momentos recreativos e de práticas esportivas, mas precisa passar por reparos. Sendo assim, a direção da unidade escolar solicitou novas reformas e estava esperando respostas do setor administrativo municipal.

Por fim, chegamos à última pergunta da entrevista sobre o bairro, sendo assim, fiz as seguintes perguntas: “*O bairro precisa de cuidado? O ambiente é preservado?*” Cada um fez um comentário sobre suas percepções em relação ao bairro, e os pontos com maior destaque são a falta de preservação do meio ambiente, o lixo, a falta de cuidado com o Rio da Prata, as praças em mau estado de conservação. Durante os comentários, relatei uma breve observação, os problemas que são perceptíveis ali, podem ser encontrados na maioria das cidades do país, em maior ou menor grau. Por esses motivos, muitos não expressaram o sentimento de pertencimento em relação ao bairro e disseram que em algum momento de suas vidas querem ir embora, que seja para algum lugar melhor ou para outra cidade, até mesmo para outro estado, como São Paulo.

A próxima etapa da atividade consiste em observar o trajeto entre a escola até a casa de cada aluno.

QUARTA ETAPA: OBSERVANDO O TRAJETO CASA X ESCOLA: ATIVIDADE DE CAMPO

Segundo Tuan (1980), para o novo morador, o bairro, a princípio, é uma confusão de imagens; “lá fora” é um espaço embaçado. Aprender a conhecer o bairro exige a identificação de locais significantes, como esquinas e referências arquitetônicas, dentro do espaço do bairro. Objetos e lugares são núcleos de valor. Atraem ou repelem em graus variados de nuances. Preocupar-se com eles, mesmo momentaneamente, é reconhecer sua realidade e valor (...). Como as

impressões, recebidas através dos sentidos, adquirem a estabilidade de objetos e lugares?

Desta forma, após ter trabalhado bastante o conceito de bairro com as crianças, solicitei que eles observassem a paisagem, utilizando a percepção para extrair do meio ambiente o que mais chamasse a atenção durante o percurso entre suas casas até chegar à escola. Esta etapa foi realizada em meados de abril de 2019.

O fenômeno perceptivo não pode ser estudo como um evento isolado, nem pode ser isolável da vida cotidiana das pessoas. A percepção deve ser encarada como uma fase da ação exercida pelo sujeito sobre os objetos, pois as atividades não se apresentam como simples justaposições, mas como um encaideamento, em que umas estão ligadas às outras.

A psicologia da percepção tradicionalmente procura explicar os mecanismos perceptivos por meio da experiência e da maturação. A experiência desempenha um papel importante no desenvolvimento da percepção, pois o contato direto ou indireto com o objeto permite ao sujeito construir seu espaço perceptivo. Porém, não é suficiente experienciar os objetos, ou melhor, o sujeito tem necessidade de dispor de um aparelho orgânico altamente sofisticado para receber os dados sensoriais e transformá-los em dados perceptíveis. (OLIVEIRA, 2017, P.111)

Para Oliveira (2017), a porta de entrada, ou melhor, o nosso contato com o mundo exterior ocorre pelos nossos órgãos sensoriais, de maneira seletiva e instantânea, propiciando a sensação. Sendo assim, é possível constatar que a realidade “entra” em nosso mundo por meio da: visão, audição, olfato, paladar e o tato-cinestesia.

Para realizar a atividade sobre a percepção ambiental com as crianças do referido Projeto, foi usado o órgão sensorial responsável pela visão sendo este utilizado em decorrência de que em primeiro plano, trabalhamos quase sempre apenas com a percepção visual, para perceber o ambiente. Em segundo plano também podem ser usados outros órgãos sensoriais, como, por exemplo, o olfato para sentir os odores do lugar e também os aromas exalados pelas plantas e árvores, além da audição para ouvir os ruídos produzidos pelo espaço urbano.

A paisagem urbana se apresenta de várias formas, de diversas cores e de inúmeros ângulos. Aqui, nos ateremos aos aspectos geográficos, para ressaltar, somente, a espacialidade do nosso campo de interesse e de investigações ambientais, perceptivas e

cognitivas, perpassando por diverso enfoque de paisagens geográficas e pelos filtros da percepção e da cognição. (OLIVEIRA, 2017, P.171)

As crianças selecionadas para realizar a atividade possuíam faixa etária entre 8 e 13 anos, assim sendo, seu organismo estava passando por diversas transformações, e estes fenômenos biológicos afetam diretamente seus processos de desenvolvimento cognitivos e perceptivos.

Para continuar o estudo sobre a temática referente à percepção é preciso buscar nos estudos de Piaget o conceito referente ao processo cognitivo. Piaget é considerado o maior expoente do estudo do comportamento infantil, autor do processo de organização do desenvolvimento cognitivo.

Piaget (1984), ao caracterizar a sequência de desenvolvimento da inteligência em seus quatro estágios, deixa clara a incorporação gradativa de novas experiências e sua importância para que a criança vá atingindo os estágios subsequentes.

No primeiro estágio, o da inteligência sensório-motora, que vai do nascimento aos 2 anos de vida, o pensamento é expresso em ato, em ação.

No segundo estágio, o da inteligência representativa ou pré-operatório, a criança já substitui um objeto por uma representação simbólica desse objeto. Isso ocorre em crianças entre 2 e 6 anos de idade. No terceiro estágio, o das operações concretas, que compreende o período dos 7 aos 11 anos, a criança sofre uma mudança qualitativa: ela pode substituir as relações reais por ações virtuais, ou seja, a ação pode se dar apenas de forma interiorizada. O pensamento, que antes se originava somente na ação real e efetiva, no contato com as coisas torna-se um pensamento cuja origem está no interior, mas que não perderá sua qualidade de ser, ainda, uma ação. Ela necessita da presença concreta dos objetos para poder raciocinar.

No quarto estágio, o das operações formais, a criança consegue desprender-se dos dados imediatos; seu raciocínio pode basear-se em abstrações, e não mais apenas em dados da realidade; essa abstração é que lhe permitirá avaliar hipóteses sobre diversas possibilidades.

Após abordar brevemente os conceitos elaborados por Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo e os processos de desenvolvimento e aquisição de dados e informações pelas crianças, iniciaremos a quinta etapa da metodologia, no qual será ilustrado o local da realização da atividade e os métodos.

QUINTA ETAPA: OBSERVANDO O ESPAÇO PERCORRIDO CASA-ESCOLA: ELABORANDO O MAPA MENTAL.

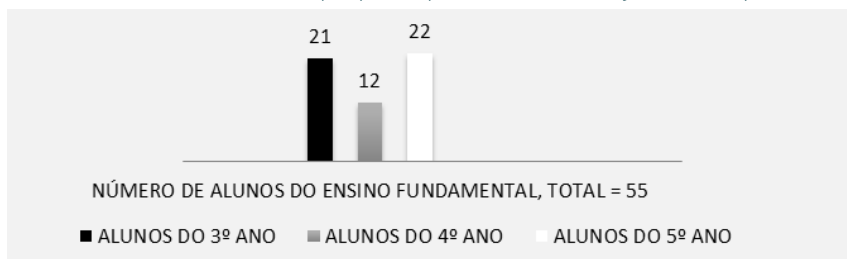
A fase de criação dos mapas mentais realizada em sala de aula ocorreu no dia 10 de abril de 2019, com os discentes do terceiro ao quinto ano do Ensino Fundamental, integrantes do referido Projeto.

Segundo Oliveira (2006), por mais acuidade que os sistemas tecnológicos e informacionais tenham, o homem precisa de seus órgãos, dos sentidos, necessita movimentar-se, deslocar-se, coordenar e associar as imagens e construir mentalmente representações ligadas aos itinerários percorridos diariamente.

Esta etapa foi realizada após os alunos percorrerem o trajeto entre suas residências até a escola. Neste momento as crianças elaboraram seus mapas mentais individualmente sem o auxílio de colegas da classe ou de outro membro da unidade escolar. Cada um utilizou sua percepção e criatividade para transcrever os principais objetos percebidos pelo caminho em um papel, que serão analisados na última etapa da pesquisa. O principal objetivo é analisar a capacidade de observação dos alunos em relação aos seus conhecimentos do local onde vivem.

A percepção ambiental pôde ser representada e mapeada de modo que os alunos do Projeto, por meio de suas percepções foram capazes de representar os principais pontos do bairro de Vila Nova, em Nova Iguaçu, através de desenhos. Para isso eles fizeram observações prévias no trajeto entre a escola e a residência. Na fase seguinte, em sala de aula, os discentes receberam uma folha em branco, modelo papel A4. Todos que integravam o projeto em abril de 2019 realizaram as ilustrações de forma individual, totalizando 55 alunos do Ensino Fundamental sendo eles: 21 do terceiro ano, 12 do quarto ano e 22 do quinto ano. Conforme pode ser observado no gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1: Total de discentes que participaram da elaboração dos mapas mentais



Org. Autor (2022).

Para realizar os mapas mentais em sala de aula os alunos usaram além da folha de papel A4, outros materiais como lápis de escrever na cor preta, canetinhas coloridas, lápis de cor, giz de cera e régua. Os resultados desta atividade e a análise dos mapas serão abordados a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

OS RESULTADOS: A INTERPRETAÇÃO DOS MAPAS MENTAIS, ÚLTIMA ETAPA.

A prática pedagógica foi aplicada em meados de abril de 2019 com os alunos do projeto, na qual foram obtidos 55 mapas mentais, nesse sentido, a pesquisa teve como objetivo identificar a percepção dos alunos em relação aos seus conhecimentos geográficos, analisando os principais objetos percebidos no bairro de Vila Nova, no qual são destacados aqueles mais importantes encontrados no espaço de vivência dos discentes.

Diferentemente dos processos cartográficos complexos e sofisticados, os mapas mentais são representações espaciais simples que utilizam basicamente a percepção do indivíduo em relação ao ambiente real, ou seja, o local vivido, utilizando ferramentas comuns do seu cotidiano. Na verdade, são mapas destituídos dos elementos utilizados pela cartografia, como escala, localização e orientação. Por isso, os alunos utilizam uma linguagem gráfica para representar a sua percepção espacial do local de vivência, utilizando suas habilidades artísticas para criar os mapas mentais. Os 55 mapas elaborados pelos discentes serão analisados baseados nas propostas de Teixeira e Nogueira (1999) com enfoque no método geográfico fenomenológico que possibilita interpretar a percepção e também a experiência dos alunos em relação ao espaço de vivência. Para esses autores.

Como vimos os mapas mentais são construções mentais de um mundo real, concreto, sobretudo vivido por homens concretos que os produzem. Pensamos que esta discussão pode ser resgatada ao introduzirmos em nossas aulas o conceito de mapa, mostrando a partir dos mapas mentais que cada um constrói como os mapas técnicos, aqueles que servem para as nossas aulas como produtos de orientações e localização, também são construções desse mundo conhecido por nós, e que, apesar de se mostrarem absolutos, contêm informações relativas e subjetivas. (TEIXEIRA E NOGUEIRA, 1999, P.6)

Para Castellar (2005), por meio da construção de mapas mentais os alunos vivenciam o processo de letramento cartográfico, possibilitando a compreensão de símbolos e signos que corresponderão aos fenômenos ilustrados nos desenhos, onde estão representados o seu lugar de vivência (rua, escola, moradia e outros não tão próximos); no entanto, é fundamental que a criança desenvolva o raciocínio para que possa adquirir estes conceitos geográficos.

O gráfico 1, apresentado anteriormente, representa a análise quantitativa do total de discentes do Projeto Horário Integral que participaram da atividade sobre o bairro, utilizando a percepção para observar os principais objetos e criar os mapas mentais.

Desta forma, esta atividade proporciona uma aula de geografia rica em novos aprendizados e conhecimentos para os alunos, utilizando uma metodologia criativa, despertando o interesse dos envolvidos, principalmente na compreensão e reflexão sobre o espaço de vivência.

A aprendizagem será significativa quando a referência do conteúdo estiver presente no cotidiano da sala de aula, quando se considerar o conhecimento que a criança traz consigo, a partir da sua vivência. Essas referências contribuirão para a formação de conceitos geográficos que serão explorados, partindo da leitura de mapas, da elaboração de trajetos e mapas mentais e comparando-as com uma situação real e em diferentes escalas de análise. (CASTELLAR, 2006, P.9)

Para Merleau Ponty (1999), a percepção é uma interpretação dos símbolos e signos que a sensibilidade fornece conforme os estímulos corporais e sensoriais. Dessa forma, os discentes precisam da visão como órgão sensorial para perceber os objetos que compõem o espaço de vivência.

Para a corrente epistemológica humanista da geografia, o mapa mental é uma forma de ilustrar ou representar uma sociedade por meio da percepção dos indivíduos nos mais variados sentidos e experiências, utilizando o sentido sensorial para (ouvir, tocar, cheirar).

A fenomenologia fornece subsídios para compreender as relações socio-ambientais que ocorrem no espaço a partir do mundo vivido. Oliveira (2017, p.111) aponta que,

A experiência desempenha um papel importante no desenvolvimento da percepção, pois o contato direto ou indireto com o objeto permite ao sujeito construir seu espaço perceptivo. Porém, não é suficiente experienciar os objetos, ou melhor, o sujeito tem necessidade de dispor de um aparelho orgânico

altamente sofisticado para receber os dados sensoriais e transformá-los em dados perceptivos.

A proposta de trabalho utilizando os mapas mentais com os alunos foi idealizada com o objetivo de identificar os conhecimentos geográficos dos alunos e sua capacidade de percepção referente ao espaço vivido.

O gráfico 2 representa a análise quantitativa dos principais objetos percebidos no bairro pelos discentes da escola, considerando cinco categorias diferentes:

- Mapas mentais subjetivos com somente ruas e casas sem identificação.
- Atividade comercial.
- Locais de lazer, praças e quadras esportivas.
- Área preservada e arbórea.
- Rio da Prata e área degradada.

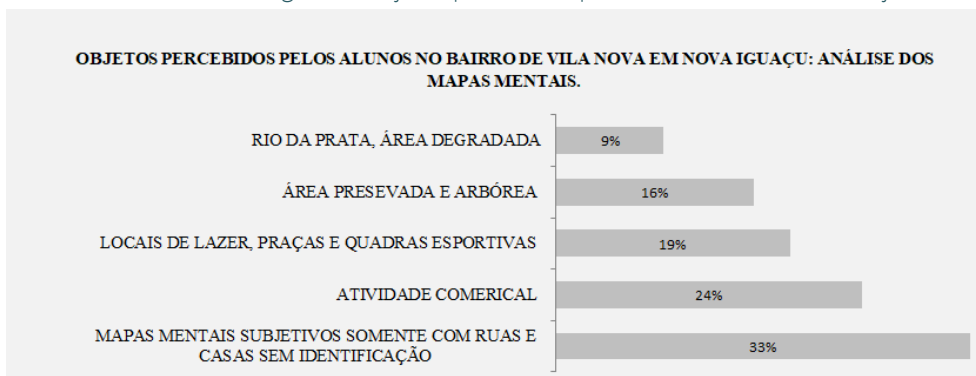
Os cinco pontos mencionados anteriormente representam os objetos que aparecem nos mapas mentais com recorrência, ou seja, são locais que fazem parte do cotidiano dos alunos, cada um representa este espaço conforme seu ponto de vista. Piaget (1984) aponta que a percepção dos discentes está diretamente ligada à sua idade e nível de desenvolvimento cognitivo, associados às etapas de desenvolvimento da inteligência, descritos pelo autor em seus quatro estágios. Neste caso, os mapas mentais foram elaborados por alunos de aproximadamente cinco faixas etárias, entre oito a doze anos, que pertencem ao 3^o, 4^o e 5^o ano do Ensino Fundamental.

Para a elaboração deste artigo foram selecionados nove mapas mentais divididos em três grupos que representam as turmas do 3^o ao 5^o ano do Ensino Fundamental. Eles serão utilizados na análise dos cinco pontos mencionados no gráfico 2, a seguir. Os mapas mentais produzidos são ilustrações gráficas dos objetos percebidos no trajeto entre a escola e a residência dos discentes e para observar estes objetos é utilizado como órgão sensorial à visão, mas não somente este.

O ser humano tem outras maneiras para responder ao mundo além dos cinco sentidos da visão, audição, olfato, paladar e tato, por nós conhecidos desde os tempos de Aristóteles. Por exemplo, algumas pessoas são extremamente sensíveis às mudanças sutis na umidade e na pressão atmosférica; outras parecem ser dotadas de um extraordinário sentido de direção, embora se tenha questionado o caráter inato desta faculdade. Dos cinco sentidos tradicionais, o homem depende mais conscientemente da visão do que dos demais sentidos para progredir no

mundo. Ele é predominantemente um animal visual. (TUAN, 1980, P.9)

Gráfico 2: Porcentagem de objetos percebidos pelos alunos do referido Projeto.



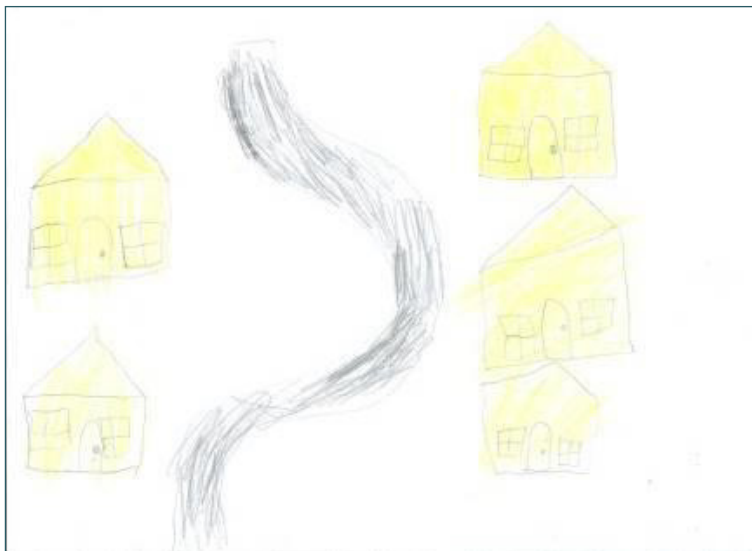
Org. Autor (2022).

Os três mapas mentais a seguir foram produzidos pelos alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental integrantes do Projeto Horário Integral, os nomes serão substituídos por letras para preservar a identidade dos discentes. O primeiro grupo foi formado pelos alunos A, B e C que elaboraram as ilustrações de número 4, 5 e 6, respectivamente.

A figura 4 elaborada pelo aluno (A) corresponde ao primeiro item do gráfico 05, cujos mapas mentais subjetivos, com apenas ruas e casas, representam 33,0% dos mapas elaborados pelos alunos. Por outro lado, o aluno (B) possui um pouco mais de percepção referente aos objetos identificados no bairro, registra e percebe o Rio da Prata, mas na forma de valão; Isso ocorre devido ao alto grau de poluição no qual este acidente geográfico se encontra. O rio pode ser considerado também como um local desagradável, degradado, causando mau cheiro. Além disso, é vetor de transmissão de doenças, para agravar ainda mais o problema, a população o utiliza frequentemente para despejo de entulhos e lixos.

O Rio da Prata chama muita atenção principalmente pelo grau de poluição, o ambiente em sua volta está completamente degradado, mesmo após passar por processo de limpeza pela prefeitura do município, em poucos dias a população volta a jogar lixo e entulhos.

Figura 4: Turma do 3º ano do Ensino Fundamental, mapa mental do aluno A



Org. Autor (2022).

Figura 5: Turma do 3º ano do Ensino Fundamental, mapa mental do aluno B



Org. Autor (2022).

Figura 6: Turma do 3º ano do Ensino Fundamental, mapa mental do aluno C



Org. Autor (2022).

Muitas vezes as belezas naturais se diluem ao longo do tempo: um rio é retificado ou canalizado, um morro que é aplainado, uma lagoa que é entulhada ou um mangue que é drenado. Assim, os atrativos físicos são modificados para atender, a expansão de bairros, de avenidas, de túneis ou então são glamorizações para atender a moda do momento ou do interesse. (Oliveira, 2017, p.176)

O Aluno (C) identificado na figura 6 elaborou um mapa mental, no qual está representado a escola, área verdes e uma árvore. A Escola Capistrano de Abreu possui uma grande quantidade de árvores, isso chama a atenção dos discentes e essa parte preservada é percebida nos mapas mentais.

O fenômeno perceptivo não pode ser estudado como um evento isolado, nem pode ser isolável da vida cotidiana das pessoas. A percepção deve ser encarada como uma fase da ação exercida pelo sujeito sobre os objetos, pois as atividades não se apresentam como simples justaposições, mas como um encaideamento, em que umas estão ligadas às outras. (OLIVEIRA, 2017, P.111)

No geral os mapas mentais produzidos pelos alunos do terceiro ano apresentaram menor riqueza de detalhes, destacando poucos objetos ou símbolos do bairro de Vila Nova. No entanto, Piaget (1984) aponta que o grau de percepção do indivíduo está relacionado com a idade e seu desenvolvimento fisiológico, social e cultural.

No momento em que a criança desenha os lugares de vivência, o espaço perceptivo se estrutura sucessivamente, passando das relações espaciais topológicas às projetivas e euclidianas. Tal construção inicia-se no período sensório-motor, e a criança desenvolve ações que motivam a evolução dessas noções espaciais ao se deslocar; essa percepção vai evoluindo à medida que a criança se descentraliza espacialmente, ampliando as suas referências (corpo, diferentes pontos de referência, Sol). (CASTELLAR, 2005, P.8)

Cavalcanti (2010) diz que os mapas mentais são construções simbólicas, imersas em ambientes sociais, espaciais e históricos que referenciam elaborações singulares. Os mapas mentais ou desenhos são mais “livres”, isto é, sem preocupação com a correspondência objetiva com o que é representado, não obedecem a regras cartográficas, embora possam ser utilizados para desenvolvê-las. As investigações sobre os mapas mentais ou desenhos estão marcadas predominantemente pela sua relação com a habilidade de elaborar mapas.

Dando continuidade à análise interpretativa, os três mapas mentais a seguir foram produzidos pelos alunos do quarto ano do Ensino Fundamental. Os nomes serão substituídos por letras para preservar a identidade dos discentes. Assim como, ocorreu com o primeiro grupo. Este segundo grupo foi formado pelos alunos D, E e F representados pelas ilustrações de números 7, 8 e 9, respectivamente.

Figura 7: Turma do 4º ano do Ensino Fundamental, mapa mental do aluno D



Org. Autor (2022).

Figura 8: Turma do 4º ano do Ensino Fundamental, mapa mental do aluno E



Org. Autor (2022).

Figura 9: Turma do 4º ano do Ensino Fundamental, mapa mental do aluno F



Org. Autor (2022).

A figura 7, elaborada pelo aluno (D), é bem subjetiva e apresenta poucos detalhes e objetos encontrados no bairro de Vila Nova. Ele também corresponde

ao primeiro item do gráfico em que os mapas mentais subjetivos com apenas ruas e casas, representam 33% dos mapas elaborados pelos alunos.

Os elementos representados neste mapa não possuem referências, como, por exemplo, qual casa é a residência do aluno, ou qual objeto representa a escola. Porém, por meio de sua percepção, ele inseriu três árvores de forma linear, algo que é comum nas margens do Rio da Prata.

O mapa 8, elaborado pelo aluno (E), possui um pouco mais de elementos percebidos no bairro, neste caso o discente identifica alguns objetos humanizados como a casa, fazendo referência à sua residência; outro objeto desenhado é referenciado como a escola. Ele também insere em seu mapa um objeto muito comum do espaço urbano, ou seja, um carro na rua. É possível também perceber em seu mapa alguns equipamentos presentes em parques de praça pública, este objeto é representado no gráfico 2 no grupo locais de lazer, praças e quadras esportivas, totalizando 19% dos mapas analisados. O mapa 9, elaborado pelo aluno (F), não apresentou grandes diferenças com relação ao 8, sendo assim, não houve a necessidade de ser detalhado com maiores descrições.

Quando se trata de percepção ambiental, trata-se, no fundo, de visão de mundo, de visão de meio ambiente físico, natural e humanizado, na maioria é sociocultural e parcialmente é individual; é experiência em grupo ou particularizada; é uma atitude, uma posição, um valor, uma avaliação que se faz de nosso ambiente. Ou seja, usando o neologismo topofilia, para expressar os laços afetivos que desenvolvemos em relação ao nosso meio ambiente, direta ou simbolicamente. Oliveira (2017, p.130)

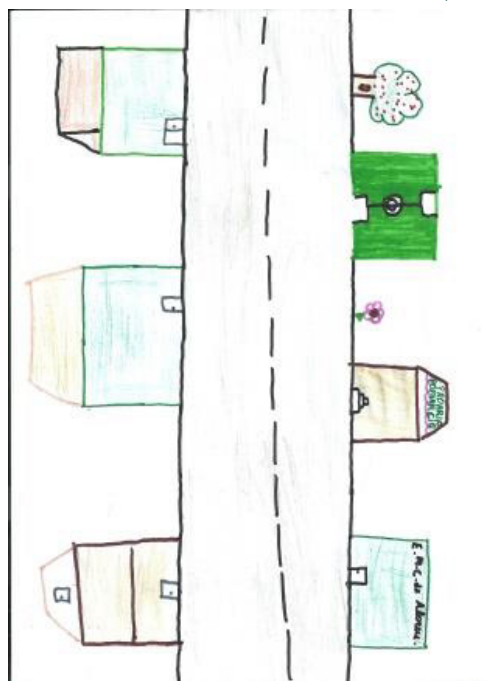
Segundo Cavalcanti (2010) a representação gráfica, cartográfica, imagética, como qualquer produção intelectual, científica ou não, é um objeto cultural, não uma verdade absoluta; é uma construção sobre a realidade, que busca expressá-la, que busca aproximar-se dela.

Figura 10: Turma do 5º ano do Ensino Fundamental, mapa mental do aluno G



Org. Autor (2022).

Figura 11: Turma do 5º ano do Ensino Fundamental, mapa mental do aluno H



Org. Autor (2022).

Figura 12: Turma do 5º ano do Ensino Fundamental, mapa mental do aluno I



Org. Autor (2022).

O mapa mental presente na figura de número 10, elaborada pelo aluno (G), possui outro nível de percepção do espaço de vivência, inserindo uma gama de objetos e símbolos presentes no bairro. Na parte superior do mapa é possível identificar a ponte que atravessa o Rio da Prata, local que foi considerado por vários alunos como degradado, poluído, descaracterizado de suas condições naturais.

Neste mapa é possível também observar um estabelecimento comercial, identificado como padaria, este tipo de comércio é comum no bairro possuindo até mesmo uma unidade da Arte Pão, confeitaria muito conhecida no município, com unidades na área central, Via Light e em outros municípios da Baixada Fluminense.

O mapa mental de número 11, elaborado pelo aluno (H), apresenta menor quantidade de elementos e objetos percebidos, mas conseguiu captar alguns objetos de destaque na paisagem do espaço vivido, como o campo de futebol, sendo este, um símbolo marcante devido ao campo de grama sintética que fica ao lado da escola na Praça do Cajueiro. O último mapa analisado foi produzido

pelo aluno identificado pela letra (I) correspondente à figura de número 12. Neste mapa o aluno conseguiu perceber alguns estabelecimentos comerciais, como padarias e bares que estão presentes no gráfico 2. Novamente o Rio da Prata é registrado e percebido, mas na forma de valão, termo utilizado pela população como um local por onde escoa a rede de esgoto não tratado. O referido acidente geográfico faz parte das informações mencionadas no gráfico como área degradada que representa um total de 9% dos mapas analisados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar os mapas mentais produzidos pelos referidos discentes do Projeto Horário Integral, pode-se constatar que eles possuem elementos em comum. Alguns objetos foram destacados com recorrência pelos alunos. No bairro é bastante visível a presença do Rio da Prata, que corta o bairro de Vila Nova e também o município de Nova Iguaçu. Além disso, por meio dos mapas mentais, o professor pode avaliar e identificar se o aluno tem a percepção efetiva da ocorrência do fenômeno no espaço e capacidade de transferir para o papel esses objetos geográficos.

Através destas representações gráficas é possível observar sua percepção com relação ao espaço real na qual eles procuram estabelecer relações entre os espaços vivenciados e concebidos. Nesse contexto, a proposta dos mapas mentais sobre a percepção dos discentes com relação ao bairro Vila Nova em Nova Iguaçu se mostrou uma forma interessante e criativa de trabalhar os conceitos geográficos referentes à temática bairro e escola e aplicar a elaboração de mapas mentais.

Os resultados dos mapas mentais mostraram uma grande variação com relação à percepção dos alunos sobre o espaço geográfico e o lugar de vivência. Os objetos percebidos estão diretamente ligados à idade dos alunos: quanto maior a idade, maior é a capacidade de percepção, e nesse sentido, conseguiram identificar com mais detalhes os objetos encontrados no bairro.

Por fim, os mapas mentais produzidos pelos referidos discentes do Projeto Horário Integral se mostraram como um grande instrumento no ensino de geografia, sendo utilizados para analisar o espaço vivenciado pelos alunos. Dessa forma, por meio de uma cartografia pessoal, através dos mapas mentais, o professor pode utilizar uma metodologia pedagógica – e didática –, diferenciada para trabalhar elementos cartográficos essenciais. Desse modo, através da percepção, o aluno poderá compreender melhor as funções dos objetos presentes

no bairro, podendo auxiliar na construção e transformação da realidade social e ambiental desse espaço de vivência cotidiana.

REFERÊNCIAS

ARCHELA, R. S; GRATÃO, L. H. B; TROSTDORF, M. A. S. O lugar dos mapas mentais na representação do lugar. GEOGRAFIA – LONDRINA – **Revista GeoUEL**. V. 13 – N. 1 – JAN./JUN. 2004. Disponível em <<http://www.geo.uel.br/revista>> Acesso em: 08 de jan. 2022.

BULLARD, L. Meu Bairro, pessoas e lugares. São Paulo: **ed. Hedra**. 2012.

CASTELLAR, S. M. V. Educação Geográfica: A Psicogenética e o Conhecimento Escolar. **Cad. Cedes**, Campinas, V. 25, N. 66, P. 209-225, . 2005.

CAVALCANTI, L. S. A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7167-3-3-geografia-realidade-escolar-lana-souza&category_slug=dezembro-2010-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 25 de jan. 2022.

MERLEAU, P. M. Fenomenologia da Percepção. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. **Martins Fontes**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OLIVEIRA, L. de. Os mapas na Geografia. Geografia. **UNESP**, Rio Claro, V. 31, N. 2, P. 219-239, 2006.

OLIVEIRA, L. de. Percepção do meio ambiente geografia: estudos humanísticos do espaço, da paisagem e do lugar / Lívia de Oliveira; organizado por Eduardo Marandola Jr.: Tiago Vieira Cavalcante. São Paulo: **Cultura Acadêmica**, 2017.

PIAGET, J. O Nascimento da Inteligência na Criança. Rio de Janeiro: **ed. LTC**. 4ª edição, 1984.

SOARES, M. T. S. Rio de Janeiro, Cidade e Região. (**Biblioteca Carioca: V. 3**), Direitos desta edição cedidos ao Departamento Geral de Cultura, Turismo e Esportes. Rio de Janeiro. 1990.

TEIXEIRA, S. K; NOGUEIRA, A. R. B. A Geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. **Revista do Departamento de Geografia (São Paulo. Online)**, N.13, P. 239-257,1999. <http://citrus.uspnet.usp.br/rdg/ojs/index.php/rdg/article/view/158/138>, acesso em 28 de Outubro de 2019.

TUAN, Y. F. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: **Difel**, 1980.